

# PESQUISA QUALITATIVA: VALIDAÇÃO INTERROGADA

Luciana Suárez Grzybowski<sup>1</sup>  
Luiza Maria de O. Braga Silveira<sup>2</sup>  
Mônica Medeiros Kother Macedo<sup>3</sup>  
Nelson Asnis<sup>4</sup>  
Renata Brasil Araújo<sup>5</sup>

**Resumo:** O presente artigo propõe uma reflexão sobre o tema da validação em pesquisas qualitativas. A proposição desta temática visa possibilitar um avanço na problematização relativa à utilização de metodologias qualitativas em pesquisas. Com o objetivo de ser um recurso a mais no relevante processo de reflexão sobre atendimento a critérios de cientificidade, este artigo revisa na literatura científica os principais critérios de validação neste tipo de pesquisa. A partir de uma reflexão da relação existente entre pesquisa e ciência, sinaliza alguns aspectos a respeito da própria definição da metodologia qualitativa, assim como põe em destaque as especificidades de um processo de validação nesta metodologia, a qual ao romper com o positivismo não abre mão de um rigor científico.

**Palavras-chave:** pesquisa qualitativa, metodologia, validação, confiabilidade, pesquisador.

Quando se aborda a questão da pesquisa e seu caráter científico, supõe-se que atributos como confiabilidade e validade estejam presentes desde o momento em que o pesquisador planeja estudar um determinado tema de seu interesse. A escolha criteriosa de um método, bem como do instrumental que fará parte da coleta de dados é um pré-requisito para que as conclusões advindas desta pesquisa sejam merecedoras de confiança da comunidade científica (SERRANO, 1994).

Existem diversos trabalhos que versam a respeito da validação em pesquisas quantitativas (PASQUALI, 1996; PASQUALI, 2001, SERRANO, 1994), no entanto este tema não é tão discutido quando se considera as pesquisas qualitativas (SERRANO, 1994).

Se formos pensar nas razões para que este fenômeno ocorra, teremos de nos remeter à própria história da ciência. No século XVIII, foi estimulada, a partir dos avanços na Física, a sistematização e a padronização dos métodos de pesquisa, sendo o *status* de cientificidade atribuído somente aos métodos observacionais e sistemáticos, pelos quais era possível buscar uma certeza, através da mensuração para a conseqüente generalização dos resultados (CHASSOT, 1997).

Na Psicologia, isto se refletiu de forma a produzirem-se saberes orientados por estes pressupostos, de acordo com os quais o homem é estático, previsível e passível de ter seus comportamentos e sentimentos interpretados com o objetivo de procurar um padrão generalizável. As pesquisas eram, então, pautadas por um rigor metodológico influenciado pelas ciências naturais (FARR, 2002; MARÇOLLA, 2002; SCARPARO, 2000).

A certeza do conhecimento científico, que está na base da filosofia cartesiana, foi questionada no século XX, quando novamente a Física demonstrou a relatividade conceitual e teórica do saber; relatividade esta que pode ser melhor compreendida se nos fundamentarmos nos pressupostos da Física Quântica e na Teoria da Relatividade (CAPRA, 1982; SCARPARO, 2000).

Tratando-se de mudanças em relação à filosofia cartesiana e à ciência positivista, em meados de 1960, houve na Europa o que se chamou de “recuperação da dimensão qualitativa” (DELGADO & GUTIÉRREZ, 1995). Esse movimento deu-se através de uma busca de renovação/importação metodológica de novos modelos e protocolos de análise, até

então utilizados exclusivamente em metodologias quantitativas. Foi uma reação crítica (que teve suas origens no espírito contestatório típico da época na Escola de Frankfurt, Alemanha) frente à absolutização/imperialismo da metodologia quantitativa, predominante até então. A recuperação da credibilidade da dimensão qualitativa na pesquisa científica ocorreu sob diferentes pontos de vista: teórico, ideológico e substantivo.

Sob o ponto de vista teórico, enfatizou-se a desconsideração da metodologia quantitativa frente ao universo social enquanto universo simbólico e à falta de sentido frente à produção massiva de dados, cada vez mais precisos, mas menos relevantes na compreensão da situação dos problemas sociais, históricos e concretos. Já sob o ponto de vista ideológico, as críticas eram dirigidas ao conservadorismo das representações sociais inerentes ao processo de comunicação da pesquisa “pré-codificada”, estruturada e formatada, uma vez que só circulavam com facilidade os esteriótipos convencionais e os valores ideológicos dominantes. E por fim, sob o ponto de vista substantivo, as críticas direcionavam-se ao desconhecimento da especificidade, profundidade e riqueza da ordem do simbólico e suas formações (não tão exatas nem quantificáveis), a partir das formações lingüísticas e dos discursos sociais e individuais (ORTÍ, 1995).

Este movimento teve como aspectos positivos a recuperação de formas distintas de observar e pesquisar diferentes realidades, orientado/referenciado também por um paradigma holístico do ser humano (CAPRA, 1982). Estes questionamentos promoveram a legitimação e o aprimoramento de novos métodos de pesquisa, especialmente das práticas metodológicas e modelos qualitativos (SCARPARO, 2000).

No que se refere ao desenho qualitativo da pesquisa, Delgado e Gutiérrez (1995) ressaltam que alguns assinalamentos e distinções são importantes, em relação ao quantitativo. Na pesquisa qualitativa, os objetivos marcam e demarcam o processo de investigação. Dessa forma, rodear-se de hipóteses prévias poderia, de certa forma, coibir a própria análise dos dados. Entende-se, também, que o mundo simbólico capturado nos discursos não se circunscreve a premissas prévias e formais que buscam ser verificadas. Pelo contrário, pretende-se uma determinação dialética do sentido, numa operação de “revelar significados”, sempre relacionados aos objetivos propostos.

É, portanto, a metodologia qualitativa, um desenho metodológico aberto, tanto em relação à seleção dos participantes, como em relação à interpretação e análise dos dados. Tratando-se, especialmente, da análise e interpretação dos dados, a posição do investigador/pesquisador na metodologia qualitativa é destacada. Estas duas etapas, na pesquisa qualitativa, se conjugam e convergem no pesquisador, uma vez que este é quem integra o que se disse com quem o disse. Assim, o pesquisador é o lugar onde a informação se converte em significado (e em sentido), já que se entende que a unidade (integração) do processo da pesquisa encontra-se, em última instância, no próprio pesquisador (não na teoria, nem na prática, nem mesmo na integração destas) (DÁVILA, 1995).

Ainda tratando-se da metodologia qualitativa, Dávila (1995) ressalta que este tipo de pesquisa se caracteriza por uma espécie de *invenção*. Isto é, nela há espaço para o inesperado, para romper com a rotina, visto que as técnicas de pesquisa social se aplicam a uma realidade compreendida como em constantes transformações.

Um outro aspecto importante e, de certa forma, diferencial no desenho qualitativo, trata-se da reflexividade. Esta é uma das mais relevantes características quando se trata de metodologia qualitativa (uma condição *si ne qua non* desta). Ela instaura-se à medida que este tipo de desenho metodológico envolve o estudo da realidade (ou parte dela) como uma construção social elaborada pelos indivíduos em seus “atos de fala” (individuais ou coletivos). A reflexividade aparece, portanto, como uma circunstância das práticas discursivas e faz dela sua via de acesso. Ela é também a própria justificativa da metodologia qualitativa uma vez que inclui o pesquisador na pesquisa, evidenciando a consciência de que o observado constrói um observador (Miranda, 1995).

No entanto, apesar dos avanços da atualidade, muitos membros de comunidades científicas ainda acreditam que o método científico cartesiano seja o único válido para a compreensão do mundo em que vivemos (Capra, 1982). Entende-se que esta crença possa ser, de alguma forma, responsável pelos questionamentos que se relacionam à validade e ao rigor das pesquisas qualitativas (GASKELL & BAUER, 2002).

Devido a este embate histórico entre a pesquisa quantitativa e qualitativa, esta última se alicerçou na demonstração das diferenças que tem ao ser comparada com a primeira e seu modelo positivista, deixando,

em segundo plano, a questão da visibilidade de todos os procedimentos utilizados nas distintas etapas relacionadas à sua prática (GASKELL & BAUER, 2002).

“Na medida em que a pesquisa qualitativa chega a possuir uma massa crítica, ela também desenvolve um saber acumulado com respeito a vários critérios implícitos em avaliar e guiar empreendimentos de pesquisa. O que necessitamos agora são critérios explícitos, afirmações públicas sobre o que constitui uma ‘boa prática’, e até mesmo idéias sobre administração de qualidade no processo de pesquisa” (Gaskell & Bauer, 2002, p.470-471).

Dentro desta perspectiva, entende-se que a explicitação destes critérios será fundamental para legitimar as práticas de pesquisa qualitativa. É contestatório que um tipo de pesquisa possa ser utilizado universalmente e que existam indicações que possam nortear a escolha por um método quantitativo ou qualitativo. Porém, independentemente desta escolha, o pesquisador deve se orientar pelos critérios da fidedignidade e validade durante todas as fases do estudo (Gaskell & Bauer, 2002).

Jobim e Souza (2000) acrescentam que, ao optar por romper com o positivismo e percorrer o caminho da pesquisa qualitativa, de forma alguma se estaria abrindo mão do rigor científico. Implicaria, sim, em admitir um conceito de verdade que não está vinculado somente a uma evidência comprovável experimentalmente.

Cassorla (2004) destaca que as produções qualitativas devem ser capaz de atender as solicitações de avaliação que a ciência, em geral, solicita e considera que o pesquisador “terá que descobrir seus próprios caminhos, testando, avançando, recuando, ensaiando-se, corrigindo-se. E por isso deverá ter mais outras características que vão além da disciplina técnica: a criatividade, a capacidade de indagar, a curiosidade com o não conhecido, e a ética. [...] A subjetividade do pesquisador terá uma importância capital, ao contrário do que se postula nas chamadas ciências duras. Mas esta subjetividade terá que ser avaliada objetivamente” (p.25).

A partir destas reflexões, o objetivo deste artigo é revisar na literatura científica os principais critérios para que a pesquisa qualitativa seja reconhecida como fidedigna e válida ao apresentar seus resultados.

Em primeiro lugar, é importante que tais questões de validade e confiabilidade sejam refletidos e mereçam atenção em seus próprios termos.

Isto é, não se pretende tratar da fidedignidade ou validade em termos quantitativos, simplesmente transpondo seu conceito na pesquisa quantitativa para o referencial qualitativo, tão diferente, a partir do que foi exposto anteriormente. Considera-se importante que questões como estas sejam realmente avaliadas em trabalhos qualitativos, garantindo e reforçando a qualidade destes trabalhos.

Alguns autores chamam este processo de avaliação da validade e confiabilidade em pesquisas qualitativas de “Controle de Qualidade” (LINCOLN & GUBA, 1985; MILES & HUBERMAN, 1994). Este controle de qualidade propõe também que critérios clássicos sejam vistos de outra forma, como novos critérios. Ao falar-se, em termos clássicos, sobre confiabilidade, tratar-se-ia, nos novos critérios, de dependência ou auditabilidade. Já a validade interna seria chamada de credibilidade ou autenticidade; assim como a validade externa corresponderia a transferibilidade ou adaptabilidade da pesquisa e a objetividade seria considerada a confirmabilidade nestes novos critérios (LINCOLN & GUBA, 1985).

A confirmabilidade, segundo Miles e Huberman (1994) preocupa-se com uma relativa neutralidade dos resultados, atentando para a liberdade do pesquisador que deve explicitar suas inevitáveis tendências teóricas e metodológicas. Serrano (1994) define confirmabilidade como sendo uma espécie de “acordo de interobservadores na descrição do fenômeno, elucidação dos significados e generalização das conclusões” (p.94). A autora destaca ser a generalização dos resultados um dos problemas das pesquisas qualitativas. Neste mesmo sentido, Turato (2004) questiona a exigência de atendimento do conceito de generalização ao considerar que “a ciência constitui-se da elaboração de teorias e não pelo simples registro de fenômenos/fatos/eventos concomitantes” (p.385). Para assegurar-se que um estudo responda ao critério de qualidade, alguns aspectos deveriam estar presentes (MILES & HUBERMAN, 1994).

\* Descrição de forma explícita e detalhada dos métodos e procedimentos do estudo (Dever-se-ia possibilitar que o leitor pudesse ter uma “foto” completa, incluindo o cenário e os protagonistas);

\* A sequência e a forma de coleta, análise e discussão dos dados, bem do processo de construção das conclusões do estudo devem estar detalhadas o suficiente para que possam ser seguidas, repetidas;

\* As conclusões devem apresentar-se explicitamente ligadas aos resultados apresentados;

\* As crenças pessoais, valores, tendências e estados afetivos do pesquisador devem estar conscientes e explícitos, bem como o papel destes no desenvolvimento do estudo;

\* É importante que sejam consideradas hipóteses ou conclusões distintas, e que estejam presentes em alguma parte do estudo;

\* Os dados devem estar disponíveis para uma re-análise, a ser feita por outros pesquisadores;

Uma vez que o pesquisador possa avaliar e responder tais questões em seu estudo, considera-se que a confirmabilidade ou objetividade estaria contemplada como um critério de controle de qualidade.

Igualmente, os mesmos autores propõem forma semelhante para averiguação da confiabilidade ou dependência de um estudo qualitativo. A questão que perpassa tal critério é a verificação da consistência e de um razoável cuidado metodológico, não só no estudo em geral, mas durante todas etapas do mesmo. Os aspectos a serem observados seriam:

\* As questões norteadoras do estudo devem ser claras e congruentes com o desenho metodológico proposto;

\* O papel do pesquisador deve estar explicitamente descrito no trabalho;

\* Os resultados devem mostrar significativo paralelismo através dos dados pesquisados (seja através dos informantes, tempo, seja através do(s) contexto(s));

\* O paradigma e os constructos teóricos devem ser explicitados de forma clara;

\* Os dados devem ser coletados através de uma ampla variedade de contextos, tempos, participantes, etc.; e devem estar em consonância com as questões norteadoras do estudo;

\* Se existirem diferentes pesquisadores num mesmo estudo é necessário verificar se seus dados estão concordantes ou não;

\* Se forem feitas codificações ou outra forma de organização/análise dos dados é importante que os critérios sejam claros aos pesquisadores para certificarem-se que tratam do mesmo “código”;

\* É importante que seja verificada a qualidade dos dados, descartando-se aspectos como tendências, desejabilidade social, mentiras ou até mesmo, adaptações às expectativas do pesquisador, entre outras formas.

\* Recomenda-se que, de alguma forma, outros colegas possam revisar o trabalho realizado.

Quanto à validade interna, aqui chamada de autenticidade ou credibilidade, entende-se que se refere à relevância e ao sentido que uma determinada investigação possui para aqueles sujeitos que foram investigados e para os leitores também. Poderia ser traduzida, igualmente, como o grau em que os dados coletados refletem o fenômeno estudado e, por isso, são válidos. A validade interna refere-se ao isomorfismo entre os dados recolhidos pelo pesquisador e a realidade (SERRANO, 1994). A validação interna, segundo Turato (2004), é um processo que envolve o pesquisador e seu projeto e que configura “rigores para que a apreensão dos fenômenos dê a estes o atributo de verdade, isto é, estejam em conformidade com o real, graças à função e ao poder adequados do pesquisador, dos recursos gerais e dos instrumentos auxiliares da pesquisa (p.389)”. O pesquisador deve buscar uma espécie de validação natural, na qual os eventos participantes e contextos estudados não teriam se modificado pela sua presença e por suas ações (Miles & Huberman, 1994). Os aspectos sugeridos por tais autores a serem observados quanto a tais propósitos seriam:

- \* Deve-se descrever a riqueza e a significância do contexto no qual os dados são pesquisados;
- \* Os resultados devem “ter sentido”, ser verossímeis, convincentes e plausíveis ao leitor;
- \* O relato do estudo deve ser compreensível e respeitar a configuração e temporalidade do contexto;
- \* A triangulação de métodos e fontes de informação deve fornecer/ esclarecer resultados e conclusões coerentes e, caso contrário, oferecer argumentação explicativa para estas divergências;
- \* Os dados apresentados devem estar vinculados a categorias de uma teoria prévia ou emergente, de forma a representar os constructos expostos;
- \* Os resultados devem ser internamente coerentes;
- \* É importante que as regras/conceitos utilizados para contrastar hipóteses ou conclusões estejam claras no estudo;
- \* O pesquisador deve buscar áreas de incerteza, que são pouco compreendidas em sua pesquisa;



\* Se os resultados (ou alguns deles) foram distintos do esperado ou são evidências negativas devem ser consideradas, integradas ao estudo e explicadas de forma clara e coerente;

\* Os resultados podem ser replicados em partes distintas de onde foram coletados originalmente;

\* As conclusões podem ser consideradas pelos participantes; e caso o pesquisador opte por não realizar tal procedimento deve explicar seus motivos;

\* No caso de terem sido feitas predições, é importante que sejam contrastadas.

Já em relação à validade externa ou transferibilidade ou adaptabilidade, neste controle de qualidade da pesquisa qualitativa, pode-se pensar em termos de generalização dos dados. Cabe neste caso refletir se os dados e as conclusões podem ser transferidas a outro contexto, a outras considerações teóricas, a processos semelhantes, entre outros. Quanto a este critério, Miles e Huberman (1994) enfatizam os seguintes aspectos:

\* As características dos participantes, dos contextos e dos ambientes do estudo devem ser suficientemente descritas de forma detalhada, a fim de que permita uma adequada comparação com outros sujeitos ou contextos;

\* É importante que sejam examinadas as limitações à generalização, como a seleção dos participantes, os ambientes, o contexto sócio-histórico, os constructos teóricos, entre outros;

\* Os participantes devem envolver uma diversidade teórica para que permita uma aplicabilidade maior;

\* O pesquisador deve definir o alcance o alcance e a limitação da generalização em seu estudo;

\* Devem se incluir descrições densas para que o leitor possa avaliar a transferibilidade de tais resultados para seu próprio contexto;

\* É importante que algum grupo de leitores julgue os resultados coerentes com suas próprias experiências;

\* Os resultados devem confirmar (pelo menos em parte) e ser congruentes ou ligar-se ao referencial teórico que fundamentou o estudo;

\* A teoria que possibilita a transferência a partir dos resultados deve ser perfeitamente compreendida e estar igualmente explícita;

\* As seqüências narrativas devem ser evidenciadas e permitir a análise inter-casos das mesmas;

\* Deve-se sugerir contextos nos quais tais achados poderiam ser contrastados de forma positiva;

\* É interessante que os resultados devem sejam replicados em outros para evidenciar sua consistência; e caso não tenha sido deve ser assegurado que esta pode ser montada facilmente.

Estas são algumas questões apresentadas para que, de forma objetiva, se possa refletir sobre a credibilidade e a dependência dos estudos qualitativos. Parece interessante também apontar que, a estes critérios de controle de qualidade, ainda pode-se acrescentar um último chamado de aplicação ou orientação. Diferentemente dos anteriores que se direcionavam a questões de coerência da pesquisa, este critério atenta para a avaliação da contribuição de um determinado para o pesquisador e para o sujeito pesquisado. Miles e Huberman (1994) propõem a avaliação de tal critério a partir dos seguintes aspectos:

\* Assegurar-se que os resultados são realmente acessíveis intelectualmente e fisicamente aos interessados;

\* Os resultados de uma pesquisa devem estimular os leitores a refletir sobre as hipóteses e os resultados, fazendo com que estes possam auxiliá-los numa ação futura;

\* É importante que se tenha clara noção do alcance do conhecimento produzido, por isso o pesquisador deve saber como e par quem poderá ser utilizado seu conhecimento produzido. Este aspecto também é importante para a redação de trabalhos sobre a pesquisa feita;

\* Os resultados devem seguir questões específicas;

\* O pesquisador deve propor situações que possam auxiliar a soluções do problema de forma mais próxima;

\* É importante que o pesquisador tenha conhecimento se aqueles que receberam os resultados de sua pesquisa, realmente os aproveitaram. conheceram algo novo, descobriram novas capacidades;

\* Igualmente importante, é ter-se certeza que aspectos valorativos e éticos foram apontados no estudo;

Estas são algumas formas e meios objetivos para realizar-se o controle de qualidade em pesquisas qualitativas. Certamente, estes critérios propostos também revelam ideais de alguns autores e dos autores deste artigo, que

não têm como objetivo encerrar o questionamento inicial. Tem-se idéia de que este artigo possa ser um recurso a mais no importante processo de reflexão sobre a atendimento a critérios de cientificidade presentes na metodologia qualitativa possa ser um dos meios de se refletir sobre tais aspectos num trabalho qualitativo. Nosso objetivo é fugir da estéril oposição reducionista entre qualitativo e quantitativo e neste sentido encontramos nas palavras de Cassorla (2004) a síntese de nosso pensamento:

O poder ser crítico é básico. A desidealização de qualquer método, como sendo o melhor, é indispensável, desconfiando-se de ênfases exageradas em apenas um – como se ele fosse superior absolutamente. Não podem existir cientistas que não possam ver que os diferentes caminhos-métodos serão aqueles que abordem mais adequadamente seu objeto de estudo, e tudo aquilo que ajuda na abordagem deve ser respeitado. Haverá, sim, métodos melhores, dependendo do objetivo que nos propusermos (p.29).

Somente fugindo ao dogmatismo poderemos atender à definição de método enquanto *indicação de um caminho*. Para que possamos chegar à produção de conhecimento é necessário que estejamos atentos a adequação entre nosso objeto de pesquisa e a forma de aproximação a ele. O principal a ser destacado é que a forma de percorrer este caminho atenda, sempre, às exigências éticas.

Nos métodos qualitativos, o “caminho” do pesquisador será sempre um caminho singular, que se constrói ao longo do percurso. Estes métodos enfatizam a diferença, a reflexividade, a revelação de significados, dando espaço para o inesperado.

Toda pesquisa qualitativa executada dentro de um rigoroso e genuíno espírito científico será, com certeza, reconhecida como fidedigna e válida na tentativa de compreender em profundidade os fenômenos por ela estudados.

## Notas

<sup>1</sup> Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica (PUCRS), Doutoranda em Psicologia pela PUCRS (bolsista Capes), professora da Universidade Comunitária Regional de Chapecó (Unochapecó).

<sup>2</sup> Doutoranda em Psicologia pela PUCRS (bolsista Capes), professora da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra Gravataí).

LUCIANA SUÁREZ GRZYBOWSKI/ LUIZA MARIA DE O. BRAGA SILVEIRA/  
MÔNICA MEDEIROS KOTHER MACEDO/ NELSON ASNIS/  
RENATA BRASIL ARAÚJO

<sup>3</sup> Doutoranda em Psicologia pela PUCRS, professora da Faculdade de Psicologia da PUCRS.

<sup>4</sup> Doutorando em Psicologia pela PUCRS, professor da Fundação Universitária Mário Martins e da Faculdade de Psicologia da PUCR.

<sup>5</sup> Doutoranda em Psicologia pela PUCRS, coordenadora do Serviço de Dependência Química e da Residência em Saúde Mental do Hospital Psiquiátrico São Pedro.

Autor para correspondência com leitor:

Luiza Maria de O. Braga Silveira – luizasilveira@hotmail.com

Autor para correspondência com editor:

Luciana Suárez Grzybowski

Av. Senador Atilio Fontana, 591D, Bairro Efapi, CEP: 89809-000, Caixa Postal 747, Chapecó/SC. Fone: (49) 3321.8229.

## Referências

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente**. São Paulo: Cultrix, 1982.

CASSORLA, R. M. S. Prefácio. In: E. R. Turato. **Tratado de Metodologia da pesquisa clínico qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CHASSOT, A. **A ciência através dos tempos**. São Paulo: Moderna, 1997.

DAVILA, A. **Las perspectivas metodológicas cualitativa y cuantitativa en las ciencias sociales: Debate teórico e implicaciones praxeológicas**. In J. M. Delgado & J. Gutiérrez (1995). **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madrid: Síntesis, 1995.

DELGADO, J. M. & GUTIÉRREZ, J. **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madrid: Síntesis, 1995.

FARR, R. M. **As raízes da Psicologia Social Moderna**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GASKELL, G & BAUER, M. W. **Para uma prestação de contas públicas: além da amostra, da fidedignidade e da validade**. In G. Gaskell & M. W. Bauer. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som – Um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

JOBIM e SOUZA, S. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas: Papiros, 1994.

MÁLAGA, M. **Investigación cualitativa**. Madrid: Aljibe, 1996.

MARÇOLLA, B. A. **Os desafios da Psicologia frente à questão ecológica: Rumo à complexa articulação entre natureza e subjetividade, Psicologia Ciência e Profissão**. 22 (1): 120-133, 2002.

MIRANDA, F. N. **Metodología, contexto y reflexividad. Una perspectiva constructivista y contextualista sobre la relación cualitativo-cuantitativo en la investigación social**. In J. M. Delgado & J. Gutiérrez (1995). Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales. Madrid: Síntesis, 1995.

ORTÍ, A. **La confrontación de modelos y niveles epistemológicos en la génesis e historia de la investigación social**. In J. M. Delgado & J. Gutiérrez (1995). Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales. Madrid: Síntesis, 1995.

PASQUALI, L. (Org.). **Teoria e métodos de medida em ciências do comportamento**. Brasília: Laboratório de Pesquisa em Avaliação de medida/ Instituto de Psicologia, UnB:INEP, 1996.

PASQUALI, L. (Org.). **Técnica de Exame Psicológico – TEP: manual**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SCARPARO, H. & BERNARDES, NM.G. **Psicologia social comunitária possibilidade de sensibilidade social e discutibilidade na história da ciência psicológica**. Psico, 31 (2), jul/dez: 185-194, 2000.

SERRANO, G. P. **Investigación Cualitativa. Retos e Interrogantes II – Técnicas Y Análisis de Datos**. Madrid: La Muralla, 1994.

TURATO, E. R. **Tratado de Metodologia da pesquisa clínico qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. Petrópolis: Vozes, 2004.

**Abstract:** This article aims to give thought to an reflection on the theme of validation in qualitative researches. The proposition of this thematic is to open up possibilities for problematization, concerning the utilization of qualitative methodologies on researches. This article, aiming to be an extra resource on the relevant process of reflection on scientific criteria, reviews on scientific literature the main validation criteria on this kind of research. Through a reflection on the existing relation between research and science, the article presents some pertinent points about the definition of qualitative methodology itself, as well as highlights the specificities of a validation process on this methodology, in which when breaking up with positivism still claims for a scientific severity.

**Keywords:** qualitative research, methodology, validation, trustfulness, researcher.

Recebido em outubro 2006.

Aceito em março 2007.